

O Promissor Campo da Criatividade Senciente

The Promising Field of Sentient Creativity

*Marcelo Alessandro Fernandes**

RESUMO: Trabalhar ante as fronteiras do desconhecido sempre esteve entre os maiores desafios de nossa espécie, uma vez que o nosso dia a dia é permeado por eventos de toda ordem, por acontecimentos imprevisíveis, gerando um temor insuspeitado diante de tudo que pareça incomum e que possa perturbar o mais parco controle que tenhamos sobre a realidade. Na aurora dos tempos, éramos nômades e nossa vida se passava sem que tivéssemos garantido a alimentação do próximo dia, sempre perigosamente próximo. Para lidar com esse ambiente flagrantemente inóspito, em que suas condições não deixavam de se nos abater pela nossa fraca constituição física, desenvolvemos aos poucos, mas de maneira constante, uma característica inventiva única no reino animal, nos tornando não só mais adaptáveis a realidade desse ambiente, mas senhores protagonistas de mudanças perenes. Por meio da inventividade expandimos crescentemente o domínio do desenvolvimento de novas técnicas, de nova linguagem, de novo conhecimento, chegando por fim a desenvolver o que poderíamos chamar de uma inata sensibilidade criativa e uma intuição sobre o momento criador. Mas, entretanto, a criatividade inventiva passou também a travar uma batalha incessante contra as trevas do temor do desconhecido, uma vez que o ser humano também aprendera que as mudanças provinham não só do seu ambiente circundante, mas também de nós mesmos por nós mesmos. Assim, para lidarmos com a tensão das mudanças que a invenção trazia, passamos a desenvolver mecanismos cognitivos de supressão da inventividade, que ao longo do tempo foi sendo assimilado pelo surgimento de uma cultura que se tornou um misto de passividade guiada e adequação leniente à inércia cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade; Inventividade; Inteligência; Senciente; Pré-História; Evolução.

ABSTRACT: Working before the frontiers of the unknown has always been one of the greatest challenges of our species, since our daily lives are permeated by events of all kinds, by unpredictable events, generating an unsuspected fear of anything that seems unusual and that can disturb the slightest control we have over reality. At the dawn of time we were nomads and our lives went by without having guaranteed food for the next day, always dangerously close to deal with this blatantly inhospitable environment, in which its conditions did not fail to weigh us down due to our weak physical constitution, we gradually but steadily developed an inventive characteristic unique in the animal kingdom, making us not only more adaptable to the reality of this environment, but gentlemen protagonists of perennial changes. Through inventiveness, we increasingly expand the domain of developing new techniques, new language, new knowledge, eventually developing what we could call an innate creative sensibility and an intuition about the creative moment. But, in the meantime, inventive creativity also began to wage a relentless battle against the darkness of the fear of the unknown, since human beings also learned that the changes came not only from their surroundings, but also from ourselves for ourselves. Thus, to deal with the tension of the changes that invention brought, we began to develop cognitive mechanisms to suppress inventiveness, which over time

* Mestre em Engenharia e autor do livro “Fator Leonardo. Ação criativa mais primordial” (2019).
E-mail: marceloalexandro@gmail.com

was assimilated by the emergence of a culture that became a mixture of guided passivity and lenient adaptation to inertia every day.

KEYWORDS: Creativity; Inventiveness; Intelligence; Sentient; Prehistory; Evolution.

1 Por que não queremos olhar?

Muitas vezes percebemos o indicativo de que algo não vai bem, ou de que algo está ausente no campo da pesquisa intelectual justamente por aquilo que ninguém parece saber apontar ou dar a devida relevância a posição que ocupa.

Como justificar o hiato do debate em profundidade sobre as invenções, sobre a inventividade, a criatividade, a imaginação criadora e tudo que esteja relacionado a estes assuntos no campo das filosofias humanas.

Existe uma noção vaga, mas no entanto bastante presente no campo dos estudos das humanidades, algo paradigmático, de que somos frutos acabados, incluindo aí nossa inteligência humana, da consequência dos pressupostos da teoria do desenvolvimento das espécies de Charles Darwin, sendo que esta teria condições não só de explicar o desenvolvimento da nossa espécie, mas de particularidades muito especiais conferidas a esta como nossa inteligência, nossa sensibilidade, as nossas aptidões artísticas, emoções e nossa genuína capacidade inventiva.

Com relação a esta última característica, sabemos da importância que algumas invenções tiveram na nossa trajetória humana: o fogo, a roda, a agricultura, o dinheiro, os aquedutos, a impressão de tipos móveis, os automóveis, os computadores, os satélites: todos estes, envolveram o desenvolvimento de uma capacidade genuína de transcender nossas condições de origem e, graças ao nosso empenho e engenho, pudemos fazer ocupar no espaço algo totalmente diverso do que conhecíamos, e depois disso, nossas vidas mudavam irrevogavelmente.

Claro, nos ocorre em qualquer discussão que essas invenções sempre trouxeram grandes avanços ao homem. Miríades de possibilidades onde não havia coisa alguma em nossas mãos. Garantias no lugar de incertezas. Realizações no lugar de dias de tormentos sem fins.

Mas uma ideia muito diversa da que nos habituamos é o entendimento de que nossa espécie, a partir do surgimento de esparsos traços de inteligência, é muito mais resultado de nossas invenções, do que o desenvolvimento evolutivo natural, seja lá o que isso queira dizer.

Queremos aqui dizer que nossa capacidade inventiva foi essencial não só para a sobrevivência de nossa espécie, mas para o desenvolvimento de nossa singularidade enquanto

espécie, pois foi pela nossa capacidade inventiva que reconfiguramos às condições de nosso meio, nosso *modus vivendi* e tudo isso abriu espaço para o desenvolvimento de nossa inteligência e sensibilidade - nos colocando na realidade de forma totalmente diversa a de outros animais.

Isso porque, comparativamente, nossa inteligência se desenvolveu num espaço de tempo muito menor se comparado ao nosso desenvolvimento corporal mais primitivo.

Ainda não sabemos totalmente ao certo como isso se deu, mas existem indicativos de que as invenções proporcionaram meios para que o ser humano vivesse em maior proximidade uns com os outros desenvolvendo assim sensibilidade, afeto mútuo, compaixão, aprendizado compartilhado, imaginação e destemor.

Assim, acreditamos que a inventividade mesma não é um caso de excepcionalidade no transcurso na nossa evolução. Ela foi fundamental para o desenvolvimento e esplendor de nossa espécie nos mais diferentes campos de conhecimento, do científico ao artístico, que em sua atividade deixou registros e rastros de como trabalhou ao longo da nossa marcha evolutiva pelos tempos.

Empregamos aqui o termo marcha evolutiva em vez de evolução, e talvez o termo mais adequado fosse mesmo o de emergência da espécie uma vez que a inventividade juntamente com o desenvolvimento de um imaginário senciente que pode, segundo uma conceituação zubiriana, desrealizar livremente às condições do ambiente para a partir de uma atuação criativa e inventiva dar graus de liberdade e autonomia para nossa espécie que não mais necessitava ser subjugada às terríveis condições e intempéries desse mesmo ambiente.

Isso porque, uma vez que nossa inventividade nos fez sobrexceder, transcender mesmo essas condições ao trazermos inventiva inteligência para a substantiva materialidade das coisas, fonte de empecilhos e mais empecilhos, passamos a auferir ganhos em escala impensável, transformando-as em oportunidades de crescimento segundo uma imperiosa vontade de iluminação e realização de nossos desejos mais recônditos.

Assim, como entendemos que a inventividade é o exemplo máximo de capacidade de nossa espécie uma vez que ela faz a ponte entre o mundo das possibilidades, dos sonhos e da imaterialidade poética que habita nossos seres com a materialidade incontestada da realidade concreta, acreditamos que estranhamente esse tema não tenha sido diretamente atacado, por trazer desafios que envolve a vontade imaterial imperiosa que governa o ser humano desde sempre junto às oportunidades que uma criatividade senciente pode trazer ao abraçar a realidade mesma, evitando estéreis escapismos teóricos de toda ordem. Nesse caso, acreditamos que o

que não se está a olhar diretamente, pelos desafios aqui encontrados, diz mais sobre as filosofias de nossos tempos e seus escassos recursos, justamente pela sua incapacidade de lidar com a violência diáfana desse tema, aqui parafraseando um dito penetrante de Xavier Zubiri.

Mas seria o tema de uma criatividade senciente um buraco negro a desafiar as luzes das inteligências concipientes do hoje que a tudo defronta mas muito pouco explica?

Vejamos...

2 Rumo à estação paleolítico

Nesse ensaio, iremos buscar alguma luz na aurora dos tempos, no surgimento das primeiras invenções mesmo junto aos rastros de passagem deixados na marcha do desenvolvimento do proto-humano que buscava expandir seus horizontes de realização e com isso sem que se apercebesse acabou por transcender a si mesmo.

São registros inequívocos de artefatos deixados e que promoveram o desenvolvimento de nossa espécie para direções novas e imprevisíveis. Invenções essas que foram manifestas segundo uma capacidade de imaginar mais livremente e que com o passar do tempo veio a confirmar a esses nossos ancestrais de que poderiam se valer ao seguir a sua imperiosa vontade para não mais ser cativos das condições que forçosamente governavam suas vidas por longos e longos períodos.

No florescente campo da imaginação e da criatividade muitas ciências vieram em socorro buscando elencar hipóteses e explicações, ainda que em sua grande maioria dentro de um paradigma concipiente dominante, de como a mente faz manifesta a ideia inventiva, que, uma vez que surge, tem o poder de mudar o curso dos destinos humanos irrevogavelmente.

A imaginação que conforme escrevemos em nossa obra “Fator Leonado: Ação Criativa mais Primordial” (Organização Professor Marcus Garcia de Almeida), forma aquilo que compõe o imponderável humano, podendo se manifestar de forma espontânea ou dirigida, descrever o prosaico do nosso cotidiano como, também, traçar o extraordinário, responder ao real ali fora, imediato presente, como manifestar as pulsões e impulsões de um inconsciente que influencia o tempo todo nossas decisões. Nos castiga quando materializa nossas neuroses e desejos não atendidos, nos faz sonhar e às vezes serve como último alento em situações irremediáveis, desesperançosas.

Nossa imaginação móvel faz surgir a criatividade e encontramos essa passagem no artigo *The Evolution of a Human Imagination*, que julgamos traduzir em parte os esforços de

buscar entender a central importância da imaginação na cognição e junto a ela, a inventividade ao longo dos mais remotos tempos, em toda nossa evolução:

I have recently argued (Fuentes, 2017a, 2018), following many others (Coward and Grove, 2011; Deacon, 2016; Hodder, 1998; Montagu, 1965) that it is the human capacity to move between the worlds of “What is” and “What could be,” and its material indications in the fossil and archaeological record, that identifies the emergence of a particular evolutionary context, and history, for the genus Homo (humans). I argue that it is the human capacity to imagine, to be creative, to hope and dream, to infuse the world with meaning (s), and to cast our aspiration far and wide, limited neither by personal experience nor material reality, that has enabled our lineage to develop a particular niche that has proven remarkably successful in an evolutionary sense, and one wherein imagination plays a central role. (FUENTES, 2020)

No qual estamos em acordo quando aponta a questão central do nosso desenvolvimento: deixar de sermos seres regidos segundo um conjunto de infundáveis restrições, impossibilidades, penúria e medo e passarmos a abriremos horizontes de possibilidades humanas e assimilarmos com isso o premente sentimento trazido pela esperança.

E para fazer isso, o movimento do homem que constata as coisas tais como eram (“*What is*”) para o que poderia vir a ser (“*What could be*”) é que ao longo do tempo foi desenvolvendo um imaginário senciente - imaginário esse que por sua vez ia deixando para trás um ser que reagia e respondia aos estímulos de seu ambiente e que passava, pouco a pouco, a se inserir numa realidade aberta a uma inteligência senciente, criativa, inventiva e poética, conforme apontaremos nos registros das ferramentas encontradas por estes arqueólogos que hoje passaram a vincular o estudo da gênese da imaginação humana na pré-história com os registros dos fósseis encontrados.

Entretanto, discordamos mesmo da possibilidade de mantermos juntas a ideia da teoria de uma evolução humana e a própria ideia do desenvolvimento do imaginário humano, uma vez que os componentes sencientes desse imaginário e os fundamentos do imaginário senciente e de uma criatividade inventiva solapam o cerne de uma teoria Darwiniana de seleção das espécies.

A história que leva do estímulo animal à sensibilidade humana, se nossas asserções estiverem corretas, em muito irão suplantar o arcabouço sistemático de uma teoria de adaptação ao meio, uma vez que a imaginação senciente junto com seus fundamentos em atualização e atuação em realidade, criam oportunidades junto a toda ordem de restrições vigentes onde a imaginação inventiva recria as condições atuais dando graus de liberdade para atuação humana que de forma alguma são plenamente antecipáveis em todas as suas possibilidades uma vez que

a invenção vem à luz e ganha novos cursos de ação, sempre imprevisíveis e abertos. Inovadores como Steve Jobs e Bill Gates já disseram em entrevistas que algumas de suas inovações trouxeram redirecionamentos que eles sequer podiam imaginar o alcance. Ainda assim, o que mais vemos no campo dos negócios é uma tentativa persistente de se tentar criar métodos sistemáticos e sistematizantes para logificar a criatividade e torná-la mais controlável e previsível, onde se tentaria assim antecipar-se e responder a desejos, pulsões e sonhos humanos para a otimização nos lançamentos de produtos e serviços. Algo dessa natureza fez com que Prometeu fosse acorrentado por Zeus a uma rocha e uma águia com o fito de castigar vinha ali todos os dias para dilacerar seu fígado. Os Gregos e sua imagética senciente!

Foi Bernard Lonergan, o grande filósofo da ciência e teórico do conhecimento, que acreditamos atingiu o coração da tese Darwinista ao demonstrar no seu tratado sobre a inteligência humana *“Insight – Um Estudo do Conhecimento Humano”* que Darwin estava considerando no cerne de sua teoria de “seleção natural de variações aleatórias” (pág. 154) a tese de que a seleção das espécies provinha de um processo de adaptação às mudanças no ambiente ocasionada pela probabilidade de variação das muitas situações iniciais segundo uma aleatoriedade de mutação dos próprios organismos, gerando com o passar do tempo a sobrevivência do mais aptos a lidar com essas mesmas mudanças.

Lonergan argumenta que esse é um caso particular de um processo mais geral, onde a espécie que se adapta ao meio, segundo uma variação que envolve probabilidades de mudança, também é por sua vez meio para outras espécies que necessitam se adaptar, e que a combinação das variações assistemáticas de diferentes sistemas que permitem a manutenção da vida em progresso, pela mútua adaptação e atuação uns sobre os outros gera uma probabilidade emergente e o desenvolvimento de sistemas emergentes que garante a um só tempo a sobrevivência e o espaço de inter atuação das espécies. Nesse sentido, Darwin vê espécies que sobrevivem segundo uma probabilidade de sobrevivência, Lonergan enxerga espécies que emergem junto a sistemas emergentes combinados em probabilidades emergentes.

Tal crítica nos parece indefensável, mas para o nosso caso específico traremos ainda o agravante de se tentar justapor os termos evolução na acepção Darwinista ao da imaginação senciente, quando teremos que trazer as noções de inteligência à distância segundo uma apreciação zubiriana, que nos faz imediatamente nos depararmos com a incompatibilidade mesma de princípios de uma inteligência adaptativa pautada em princípios evolutivos e o da emergência de espécies pautada numa tese que advogamos que parte de uma criatividade inventiva senciente.

É no capítulo que fala sobre a questão do distanciamento e da desrealização do real que acreditamos poderia ser tomado como uma boa aproximação para o que se entende por imaginário senciente é que percebemos a radicalidade do pensamento de Xavier Zubiri.

Zubiri nos diz que o ato de tomar distância ou inteligir em distância nos leva a desrealização do real que nos havia acometido pela apreensão primordial de realidade – esta é uma das teses centrais de seu pensamento.

Esse movimento de tomar distância da coisa, é um movimento para inteligir aquilo que está se dando em realidade, mas que ainda não está claro para aquele que está em vias de inteligir. O indivíduo se encontraria num momento de vir a desvendar, num “seria”, sendo este “seria”, o momento anterior àquele em que se constata o que se está se dando em realidade. Seria um suspender, um indagar-se, um voltar para dentro.

Pois bem, esse movimento cognitivo em que buscamos deslindar por meio de nossa inteligência o que se passa em nossa realidade, no momento em que ela transcorre, para Zubiri seria na sua gênese um movimento de desrealização, um ficcionar que em si é criação. O que para nós que acompanhamos atentamente essas seminais sentenças passamos a compreender então que o ato criativo seria o mesmo que o ficcionar a realidade desrealizada, e nesse movimento passamos a apreender o real em simples apreensões, o chamado irreal. A chave para entendermos a criatividade no homem é justamente a sua capacidade de ficcionar a realidade ou em suas palavras “ser realidade em ficção” (ZUBIRI, 2011, p. 69)

Pois bem, se essa linha de argumentação zubiriana, radicalíssima no fundamentar a criatividade estiver correta, não poderíamos mesmo falar de um vínculo entre desenvolvimento evolutivo do imaginário e processo adaptativo das espécies, isso porque a imaginação se fundamenta na livre desrealização do real, no ficcionar e na reinvenção das restrições e contingências mesmas de toda ordem - que é algo sobremaneira diferente de um processo de adaptação, pois este considera certo caráter de fixidade ou imobilidade do meio - o que é contrário mesmo a natureza fundante de um desrealizar inventivo.

Seria mesmo pensar a realidade em distância como Zubiri nos coloca, mas também acrescentaríamos num sentido artístico e poético, como 'escape' desta para que voltemos a ela trazendo contornos poéticos criativos vitais para nossa compreensão e realização em transcendência. Não poderíamos compreender o humano sem essas importantes dimensões, que tocam nossa essência dramática, trazendo consigo a necessidade de uma expressão em extroversão para o mundo de um lado e o acolhimento afetivo do outro, determinantes para a formação de nossa identidade no mundo em relação a nós mesmos e aos demais.

A criatividade seria, por assim dizer, um escape do real para nos situarmos melhor no real. É justamente nesse movimento que permitimos que a inventividade tenha gênese e seu lugar no mundo.

Nessa dimensão senciente, seria também bastante diferente do entendimento de Bernard Lonergan que entendendo o *insight* criativo como uma emergência da mente segundo processos dialéticos que envolve o pensamento sistemático e o assistemático.

No radicalismo zubiriano, a inteligência em distância, ou seja o pensamento desrealizado que está desligado das condições primeiras de uma apreensão primordial da realidade, é matéria do imponderável, do não sistematizável e que só seria melhor entendido quando considerássemos que o ser humano tem em seu fundamento essencial na capacidade de viver o mundo em ficção, desrealizando condições, criando realidades que alteram a continuidade mesma (*hacia*) de tudo aquilo que consideramos como permanente e imutável.

Ou seja, de um “o que é” para um “poderia ser” adentramos no terreno de transições incomensuráveis, impermanentes e imprevisíveis, como nos diz ser mesmo a apreciação do tempo segundo o filósofo Henry Bergson e a ação humana de acordo com os economistas Ludwig Von Mises e Friedrich Hayek.

Assim sendo, perderíamos o lastro que permitiria o acompanhamento mesmo de uma evolução do imaginário, uma vez que esse imaginário transubstancia o andamento encadeado de nossas ações pela inventividade, fazendo com que percamos de vista referenciais pelo novo horizonte aberto pelo empreendimento de ações inovadoras, bem como pela liberdade que passamos a ganhar se comparado ao que estávamos nos adaptando num primeiro momento. Isso porque a invenção permitiu que passássemos a ousar ações que sequer nos ocorriam em sonhos, e se nos ocorriam não saberíamos antecipar a materialidade das novas condições reais em curso na nova realidade que passamos agora a habitar. É comum vermos, por exemplo, que cientistas não sabem muito bem o que fazer quando sondas que transcorriam milhões de quilômetros espaço afora ao estarem então lado a lado diante de gigantes planetários como Júpiter e Saturno ou ao lado de velocíssimos cometas. Restavam a eles realizar ações de improviso como colocar o aparelho em rota de colisão com o objeto interestelar ou pousar no cometa sem nenhum propósito específico. A inventividade sempre traz condições de abertura imprevisíveis de serem antecipadas e esta é justamente a paixão que guia o descobridor.

Mas essa impossibilidade de antevermos a ação humana se deve fundamentalmente a dimensão sensível de uma inteligência senciente, que transmuta suas condições numa

criatividade senciente que também é sempre aberta a um sem-fim de descobertas, mas cuja base é a sensibilidade única e radicalmente singular a cada um dos seres humanos viventes.

3 No meio do caminho havia uma pedra...

Iremos agora apresentar o que consideramos um interessante paralelo entre o desenvolvimento dos inventos na pré-história humana cobrindo o período entre 2,5 milhões de anos até cerca de 200 mil anos, ou seja período conhecido como pleistoceno, que compreende no advento das primeiras ferramentas humanas criadas a partir da pedra que é por sua vez subdividida em período da ferramenta de pedra Olduvaiense (2,5 milhões de anos - 1,7 milhões de anos) e período da ferramenta de pedra Acheuleana (1,7 milhões de anos - 200.000 anos).

Acreditamos ser possível depreender uma gradual marcha onde o ser humano deixa para trás traços de resposta à estímulos e gradualmente vai se tornando um ser de realidade senciente, uma vez que a transformação da ferramenta, revela mudanças flagrantes em seu imaginário, no seu pensar 'em distância' e também na emergência de uma identidade inteligente e consciente de si mesma.

Isso não só nos ajudará a elencar os fundamentos de uma criatividade senciente como servirá para que venhamos a justapor as proposições de Xavier Zubiri àquilo tudo que foi encontrado na aurora dos tempos, pois que assim que devamos partir do pensamento filosófico de um tempo para questionar os saberes e as ciências daquele tempo, também devamos trazer o avanço dos campos científicos de novos tempos para checar ou mesmo contrapor saberes anteriores que balizam áreas inteiras do conhecimento humano, e assim sendo, poderemos manter viva a chama de inquirição sobre o que conhecemos, abrindo novas veredas que de outra forma não poderiam ser vislumbradas. O caminhante assim se torna pelo sempre caminhar, caminhar pela via senciente.

No nosso caso, estamos usando as descobertas e avanços no campo da criatividade que vem reunindo áreas tão díspares como a neurociência, arqueologia, paleontologia, filosofia do conhecimento, filosofia da criação artística, filosofia do imaginário, psicologia psicodramática, teatro espontâneo e as modernas teorias dos arquétipos sistêmicos. Temos uma forte crença de que a inteligência senciente poderá reverberar em todos esses campos, trazendo talvez uma revolução sem precedentes na história humana recente.

Esse muito recente campo da arqueologia do imaginário se utiliza de registros e traços da passagem humana quando da confecção de ferramentas da pré-história e seus reflexos em seu habitat conferindo as modificações materiais encontradas nos sítios arqueológicos. Se por

um lado isso é bastante produtor se considerarmos que tais estudos vêm de encontro às dimensões bastante materiais da filosofia da inteligência senciente, por outro, tais estudos mantêm intocável pressupostos da teoria darwiniana do desenvolvimento da espécie humana, e mais que isso, mantém fechada, como a uma caixa preta o desenvolvimento mesmo da mente humana ao longo de um período compreendido por 2,5 milhões de anos. Dessa forma, muitas das hipóteses assumidas quando da deparação dos fósseis e artefatos encontrados nos parece carecer de uma explicação de uma especificidade do funcionamento da mente, mantendo paradigmas conhecidos e caindo em generalizações que são difíceis de serem devidamente apreendidas, pois parecem em se debruçar sobre o *porquê* de a espécie ter evoluído, mas não no *como*, algo que nos parece traduzir certa tendência de um domínio ainda vigente do pensamento concipiente-conceitualista.

Em primeiro lugar devemos considerar o aparecimento das primeiras ferramentas feitas em pedra pelo ser humano há cerca de 2,5 milhões de anos no que é conhecido como período Olduvaiense.

Esse desenvolvimento segue com o advento das primeiras ferramentas que vai do estabelecimento da chamada cultura Olduvaiense, seguido, após milhares de anos pelo estabelecimento do período Acheuliano em que a capacidade de desrealização ou do inteligir em distância segue sua marcha de maneira mais evidente, o que também é possível de ser constatado nos artefatos destes dois períodos.

Tais ferramentas, são bastante rudimentares a princípio por, segundo supomos, ser voltadas a responder desafios de estimulidade de um ambiente inóspito e de pressões predatórias bastante elevadas.

Nesse período as primeiras ferramentas são criadas para cortar carne, segar plantas e trabalhar a madeira, onde alguns arqueólogos acreditam que isso tenha já se dado quando éramos *Homo Australopithecus*, ainda que haja muita discussão de que na verdade o primeiro artesão proto-humano fora o *Homo Habilis*. Provavelmente, o homem deva ter se utilizado de outros materiais perecíveis na tentativa do fabrico de sua primeira ferramenta, mas estas não chegaram até nossos dias e por conta disso são utilizados o seixo talhado dentre aqueles que constituem os primeiros registros decisivos para análise.



Fig. 1 - Homo Habilis – Reconstrução no Museu da Evolução Humana, Burgos, Escultura de Elisabeth Daynes (2010) baseada no KNM-ER 1813 crânio (Koobi Fora, Kenya, Data 1.9 Ma).



Fig 2 - Seixo talhado no período Olduvaiense – cerca de 2.0 milhões de anos.

Nesses primórdios, havia ocorrido uma grande mudança no clima global e amplas savanas e espaços abertos surgiram na África. Gradualmente fomos deslocando nosso habitat

das árvores para esses campos abertos, que, no entanto, possuíam fontes de alimentação mais diversificadas.

Essas primeiras ferramentas do período Olduvaiense eram então talhadas no quartzo, quartzito, riolita, andesita, basalto e outras rochas vulcânicas e para isso certos grupos de homínídeos usavam um percutor, outra pedra dura pelo qual partiam lascas.

Estas primeiras ferramentas permitiram o corte e a utilização dos instrumentos em algumas poucas ações, dando condições a esse proto-humano de vir a desenvolver uma dieta onívora, que por sua vez ao longo dessa evolução levou a mudanças psico-sócio-somáticas que acreditamos tenha feito a grande diferença em sua marcha.

Assim esse período é marcado pelo surgimento da chamada cultura Olduvaiense, nome do local onde foram encontradas as primeiras ferramentas.

Além dos homínídeos que nos antecederam que criaram as primeiras ferramentas que se tem notícia, havia também outras espécies de homínídeo ambientando as savanas, o *Homo Paranthropus (Australopithecineos Robustos)*.

Este tinha por característica ser mais corpulento e mais forte que os *Homo Habilis*. Defendia-se melhor dos ataques e possuíam mandíbulas mais poderosas que nossos ancestrais com esmaltes de dentes mais grossos o que lhes permitiam comer sementes, raízes, cascas, insetos, pequenos animais e carniça. Eram no sentido estrito somático, mais adaptados ao ambiente.

Ainda que o surgimento das primeiras ferramentas pareça ter surgido com os próprios *Homo Australopithecus*, foi com o *Homo Habilis* que ela se desenvolveu de forma a permitir com que ele viesse a suprir sua carência de alimentos num ambiente com mais sementes, raízes, cascas, insetos e pequenos animais devido à redução das florestas e aumento das savanas.

Entretanto, as modificações criadas pelas ferramentas fazem emergir um novo modo de vida, pois a dieta onívora vai aos poucos promovendo uma maior aproximação entre esses primeiros homens, levando a uma maior organização, cooperação e interação intra-grupal. A maior proximidade o desenvolvimento de uma maior sensibilidade e inteligência aos poucos deve ter levado ao surgimento dos primeiros rudimentos de linguagem.

Em termos de modelagem arquetípica de sistemas identificamos o funcionamento do arquetipo sucesso para o bem sucedido, que diz que quanto mais o ser humano fazia usufruto de sua imaginação em surgimento para a invenção de suas ferramentas mais se revelava novas condições para sua utilização o que fez com que gradualmente, com a passagem do tempo, mudanças nos hábitos alimentares, modificação orgânicas e constatação do efeito de sua

criatividade atuante, este aos poucos desenvolvesse a inteligência em distância, saindo da condição do O que é (*What is*) para o Poderia ser (*What could be*).

Do homínideo bruto que vivia sob a égide estimulica fomos passando a ser um animal de realidades, animal sensível senciente, que aos poucos vai deixando para trás a ferramenta do hoje, a ferramenta problema, a ferramenta utilidade do período Olduvaiense e vai ao longo de milhares e milhares de anos ganhando a identidade de uma ferramenta arte, ferramenta identidade no período Acheuliano - uma ferramenta com uma nova faculdade que não existia em nenhum lugar sobre a terra; a transubstanciação de uma primeira invenção para uma outra.

Estaria o ser humano apto para fazer isso desde o primeiro momento ou foi necessária uma longa mancha de florescimento do imaginário para que as ferramentas saíssem de um patamar de utilidade e ganhasse um patamar de arte? Se foi esse o caso, é possível acompanhar tal evolução nas conformações que os próprios artefatos foram adquirindo com a passagem do tempo?

A marcha de um ser humano acuado e solitário nas suas dores até sua vida em grandes metrópoles se deu pelo desenvolvimento de um imaginário senciente capaz de recriar suas condições e pelo fazer-se reconhecer nessas criações. Talvez esse desenvolvimento de um ser de inteligência bruta e estimulica para um ser de inventividade senciente se deu por algo maior que uma inteligência que se aperfeiçoa segundo um sem-número de repetições. Houve algum escape, um ato não mais operativo e de repetição. Um voltar para dentro que é ao mesmo tempo humanamente espontâneo e aberto ao novo. Um instinto ou mesmo um movimento sensível para este novo em surgimento, senão no desencadear da nova ação, ao menos para percebê-la manifesta em algum momento.

4 Atuação Inventiva no Palco do Real

Nesse ponto necessitaremos introduzir um conceito que julgamos ser necessário para entendermos o desenvolvimento da ação criativa senciente.

Zubiri nos fala da Inteligência Senciente como mera atualização do real, ou seja, a atualidade do mundo inteligida na medida em que nos dirigimos para um transcendental aberto pela própria inteligência. E isso de fato é verdadeiro, uma vez que estamos em atualidade no mundo, onde nossa inteligência abre por assim dizer “campos” de realidade na medida em que aprendemos a realidade primordial de maneira senciente e passamos a investigá-la, inquiri-la e a formar juízos de valor sobre a mesma pela realidade aprendida e confirmada pelos nossos sentidos.

Entretanto julgamos que isso por si só não responde satisfatoriamente uma teoria da criatividade senciente - a atividade que cria - e tampouco podemos explicar satisfatoriamente a “evolução” das ferramentas encontradas nos sítios arqueológicos.

O homem está sempre em atualidade, mas ele também como que dinamiza esse real abrindo campos de realidade pela sua capacidade de originação. Daí toda a noção de ideia original, arte original, feito original, onde entendemos que a originação está na ação atuante, desencadeada por nós tendo ou não propósitos em vista, mas cujo efeito ou transformação em curso necessariamente nós iniciamos.

Jacob Levy Moreno, o criador do Teatro Espontâneo e do Psicodrama diz: “Enquanto o ato de viver é um elemento no nexo causal do processo de vida de uma pessoa real, o ato espontâneo criativo faz sua aparição na eventualidade daquele momento em que o nexo causal houver sido rompido ou eliminado. [...] Ao longo do processo de viver somos muito mais pacientes da ação do que seus agentes. É a diferença entre criatura e criador” (MORENO, p. 57-58).

Assim, os predecessores do Homo Sapiens passam a desenvolver o que denominaremos de ciclo atuante em que a vida gregária e o desenvolvimento da sensibilidade, da expansão emocional e afetiva criava o campo de realidade (campo de originação) para o desenvolvimento de uma autonomia criativa maior, conferindo graus de liberdade em relação ao ambiente e as pressões por adaptação. A adoção e disseminação das invenções fez total diferença e foi essencial para uma total diferenciação que ao fim permitiu a nossa sobrevivência, o que cria certa confusão interpretativa, pois via de regra achamos que a inteligência é um chamado para resolver questões prementes na urgência do aqui e agora. Isso de fato é verdade, se considerarmos um ser que age única e exclusivamente sob a égide de uma inteligência estimulada, entretanto a capacidade de desrealização e do ficcionar em realidade, ou seja, da criatividade proveniente um imaginário senciente permitiu que saíssemos de um ciclo adaptativo para um ciclo atuante, suportando mesmo o que chamaríamos de uma criatividade

senciente - base para o progresso significativo das ferramentas desde então, conforme é possível ver no sistema arquetípico abaixo proposto pelo autor deste ensaio:

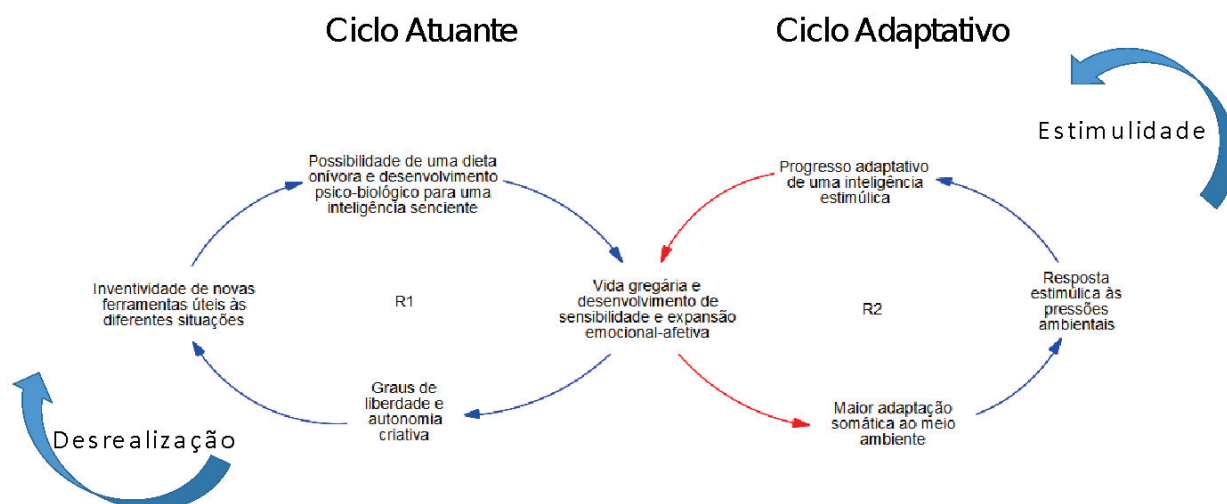


Fig. 3 Representação arquetípica da emergência da inteligência senciente pelo advento da inventividade Fonte: Proposição do Autor.

Na leitura de um arquétipo sistêmico temos padrões circulares representando a evolução dinâmica de um sistema. As setas azuis mostram relação de proporcionalidade direta, onde o aumento numa variável leva um aumento na variável seguinte. As setas vermelhas mostram uma relação de proporcionalidade inversa onde o aumento de uma variável leva ao decréscimo da variável seguinte, diminuindo a aceleração da evolução de um sistema.

O Ciclo R1 é o que chamaríamos de ciclo do bem-sucedido que, segundo nossa hipótese, mostra que a desrealização, permite a emancipação proveniente de um desenvolvimento de uma inteligência em distância que vai possibilitando um crescente de inventividade na medida em que aprendemos a viver uma vida gregária que suporta e acolhe as invenções úteis para o grupo. Esse espaço de compartilhamento imaginativo-inventivo foi o que chamamos de *Ágora Imaginativa* na referida obra *Fator Leonardo: Ação Criativa Primordial* e que os arqueólogos do imaginário julgaram essencial para o desenvolvimento de nossa espécie.

O ciclo R2 é um ciclo de adaptação no estrito senso em que a inteligência estimulada não cria espaços de originação de inventos na espécie e por isso ela segue dependendo da adaptação somática para fazer-se valer das pressões ambientais, conforme uma interpretação Darwiniana mais estrita. Nesse sentido, verificamos que as espécies de homínidos possuiriam

muito pouca autonomia criativa e graus de liberdade o que lhe confere baixa atuação. Isso, ocorre, pela não emergência de uma inteligência criativa senciente plena que desrealiza os desafios ambientais e os reformula por meio de inventos livres e criativos, fazendo com que a espécie possua pouca liberdade de atuação sobre as condições ambientais, necessitando assim contar com variações nos recursos corpóreos para sua sobrevivência.

Nossa hipótese é de que o ciclo R1 emerge no início da criação da cultura Olduvaiense, com as primeiras ferramentas desenvolvidas pelo homem e que R2 é o ciclo que explica o não florescimento das muitas outras espécies de homínídeos que viviam concomitantemente a nossa nas recém-surgidas savanas africanas.

No coração desse desenvolvimento a vida gregária que permitiu com que desenvolvêssemos uma inteligência sensível acolhida pela maior expansão emocional e afetiva na convivência em segurança dos grupos.

Os arqueólogos são unânimes em dizer que a vida gregária foi fundamental para o desenvolvimento da espécie humana.

Este seria por exemplo, o principal fator pelo qual outro grupo de homínídeos mais novo, os Neandertais (250.000 - 30.000 A.C.), não sobrevivesse as grandes mudanças ambientais provenientes de um breve período de glaciação por não terem uma capacidade de aprendizado tão desenvolvida como a nossa pela sociabilização. Os neandertais viviam mais isoladamente e por conta disso inventos e aprendizados tão necessários às mudanças na pequena era do gelo que se iniciara não puderam ser disseminados por toda sua espécie em tempo.

Assim, o surgimento gradual de um imaginário com perceptos, fictos, abstratos e conceitos foram essenciais para o surgimento da inventividade e essa para a mudança no *status vivendi*, que trouxeram profundas modificações nos nichos humanos. O ciclo R2 evolui até um determinado ponto dentro de uma probabilidade de sobrevivência e emergência das espécies conforme descrito por Bernard Lonergan, mas em determinado ponto o ciclo R1 passa a ser o determinante para a reinvenção das condições dos homínídeos primitivos e o desenvolvimento acelerado de nossa marcha até o momento atual.

Esse primeiro momento de fuga para o si mesmo vem acontecer há cerca de 2 milhões de anos quando o homem Olduvaiense passa a criar as primeiras ferramentas pontiagudas, cortantes, em que a base da ferramenta vai se tornando agradável às suas mãos, para o manuseio. Mas essa primeira ferramenta é o que poderíamos chamar de ferramenta utilidade ou ferramenta problema. Ela está muito mais inserida no universo do que os arqueólogos poderiam chamar de “O que é” (“*What is*”), algo voltado para a realidade concreta (ainda bastante estimulada) e que

parece mimetizar as presas de outros animais, ou ao menos a apreensão de sua realidade cortante.

Em termos de Inteligência Senciente esse “*What is*” pelo qual a inteligência é capaz de construir a ferramenta seria o equivalente ao que Xavier Zubiri denominou de “*seria*” - o distanciamento mesmo do real apreendido primordialmente e inteligido em distância para a atualização da mente para aquilo que está se dando 'em realidade'. É uma inteligência capaz de desrealizar o real e apreender esse real em imagem (percepto). Mas já seria o primeiro momento de irrealidade para o homem Olduvaiense, a capacidade de apreender na mente àquilo tudo que vira ao longo de um dia. Já não precisa do estímulo imediato para precisar pensar, já consegue carregar consigo àquilo tudo que lhe foi apreendido na realidade mesma e assim realizar “mimetizações criativas” de seu entorno, transmutando-as segundo uma deliberação própria, uma sua própria vontade atuante - e dessa forma passando a inventar.

Nesse momento, podemos dizer vai se estabelecendo nele o que chamamos na nossa obra “Fator Leonardo” de Instinto de Invenção, uma sensação presente de poder criar ou mimetizar ao seu modo, seguindo às condições materiais da natureza ao seu redor que conseguia perceber ao longo de um dia jornada.

Talvez nesse momento ele já conseguisse resolver pequenos enigmas: “Quem vem lá?” “Que é esse vulto?” “Que se passa a minha volta?”

Em suma, começa a imaginar as coisas que não estavam diretamente estimulando uma reação e assim passa a inteligir respostas novas sobre o mundo - vai perdendo animalidade e ganhando humanidade. Começa também a perceber-se diferente dos outros animais. Começa a perceber que é capaz de fazer coisas novas, de dar respostas novas sobre as “pressões ambientais”. Começa a se desligar de um “o que é” para um “poderia ser”.

Mais que isso, começa a fazer parte da sua vida o 'irreal, a capacidade de imaginar quando lhe aproovesse coisas que ele tivera contato e que lhe causara vívida impressão. Passa, assim, a trazer imagens para sua mente quando quisesse, e principalmente nos momentos cruciais em que partia para construir e aperfeiçoar sua ferramenta.

Ainda não estaria totalmente consciente de que poderia mudar o rumo dos acontecimentos e de que possuía autonomia relativa em relação ao seu ambiente.

Esse modo de intelecção em distância ou imaginária remete ao que Thomas Kuhn considera como central na filosofia da ciência, o impulso para resolver enigmas conforme apresentado em seu *Estrutura das Revoluções Científicas*, mas que conforme veremos não

responde plenamente como modo intelectual todo que venha a explicar nossa inventividade satisfatoriamente.

Entretanto, segundo o relato dos arqueólogos as pressões predatórias começam a declinar abrindo espaço para o que é conhecido como o período Acheuliano.

Esse ponto parece ser perdido pelos próprios pesquisadores que argumentam que “*I suggest that the human ability to imagine responses to pressures (material, perceived, existential, etc.), and to convert those imaginings into material items or actions, has become a major tool in human evolutionary success*”. (FUENTES, 2020, p. 14).

Ora, na sequência o que vemos é um período onde o que foi encontrado foram evidências dos primeiros traços do exercício da compaixão humana (*evidence of increased compassion*), que demonstra o paulatino surgimento do que Bernard Lonergan denomina como padrão dramático de experiência, o padrão central de pensamento, que rege o a construção de nossa identidade e a possibilidade de termos vínculos junto a outros seres humanos; o início da cooperação entre pais (*start cooperative parenting*), que podemos aferir como o momento em que aprendemos o sentimento do afeto e das emoções ternas que aprendemos com nossos pais na infância, também central no desenvolvimento da identidade do indivíduo, segundo as modernas teorias da psicologia humana; o surgimento da aprendizagem do aprendiz (*Apprentice Learning*), que mostra o quanto além de sermos inteligentes, passamos a valorizar a inteligência mesma como um bem, que a princípio era bastante tangível, pois lidava com as pressões e urgências de uma vida prática voltada para a sobrevivência, mas que aos poucos se abre para novas formas de manifestação, e ainda sim, não perde seu valor na sociedade, ao contrário, desde àquele tempo até os dias atuais só aumenta.

Concomitantemente, o ser humano aumenta o tamanho de seu corpo e consideravelmente de seu cérebro, mantendo traços de um ser primevo, mas transubstanciando essas primeiras características num cérebro tripartite, onde a emergência de um imaginário senciente permite com que expressemos e recebamos afeto, que venhamos a auferir realizações compartilhadas, compreensão mútua e maior domínio de nossa inteligência pela sensibilidade.

Não foi, portanto, com o aumento das rudezas do ambiente ou do medo o que ocasionou essa marcha inteligente. Foi conferindo o resultado juntos às novas realizações, foi celebrando a vida em comunidade, foi aprendendo a arbitrar as disputas, foi tendo cada vez mais domínio de si, ganhando aos poucos previdência, reconhecimento da ação conjunta, produzindo arte, e principalmente o paulatino reconhecimento de suas vitórias, segundo consideramos, pela afirmação dos resultados e alcance de uma sua própria inventividade.

Nessa fase do desenvolvimento das ferramentas pré-históricas gradualmente vemos o surgimento de um novo tipo de artefato o já mencionado Acheuliano, onde vai ficando mais evidente o surgimento de um novo princípio de inteligência: o poderia.

Se no princípio as ferramentas respondiam a um mundo de estimulidade, aos poucos vemo-nas se diversificando para os mais diferentes usos. A partir de uma forma *mater* ela vai sendo adaptada para novas tarefas, onde uma mesma pré-configuração vai sendo explorada e abrindo-se para um sem-número de novos caminhos, na qual ficou conhecida mesmo pelos arqueólogos por “canivete suíço pré-histórico”.

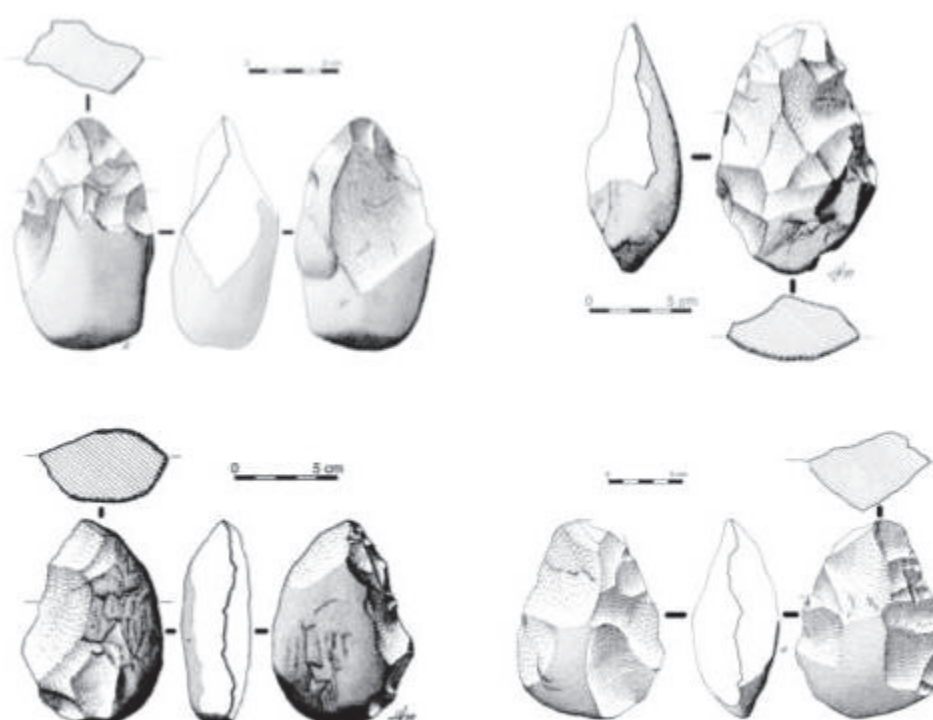


Fig. 4 e 5 – Exemplo de diversidade de Ferramentas de Mão do período Acheulense.

O “*What could be*” ou o “poderia” com sua capacidade de modificação da situação inicial, nos liberta dos grilhões Darwinistas, pois considera o ser humano agora atuante na sua realidade mesma, trazendo junto a sua presença a necessidade de sobrevivência, mas que em algum ponto se lança para uma própria transcendência, uma vez que o ser humano apreende e aprende novas dimensões do imaginário: imaginar, fantasiar, facultar, abstrair, conceituar e poetizar.

Aquilo que a princípio busca presumir a realidade através de indícios e suposições vai ganhando por assim dizer dinamismo na mente daquele que pensa. A raiz do grego a palavra possível (*δυνατοί*), àquilo que pode estar se passando em nossa realidade, vai buscando presumir a ação mesma em curso, inquirindo em distância aquilo que ainda não se confirmou, pequenos enigmas que surgem na ação cotidiana que transcorre e que no impele uma ação como resposta, aos poucos, vai ganhando autonomia, como que uma segunda realização, uma possibilidade, algo que venho a ter posse e que toda vez que incito minha mente a fazer isso, me gera impressões sencientes de abertura, como uma antessala mesma para descobertas, uma tensão criativa que quando explorada revela novos possíveis, novas saídas, novas alternativas e novos cursos de ação a serem experimentados. Também um conforto, uma luz ante uma derrota de um dia inglório, a possibilidade de um vir a ser diferente, um ser recriado no palco da imaginação nascente, dando mesmo as condições para que nosso imaginário venha a realizar o drama humano em imagens, ficções que renovam o espírito, por vezes amedrontam, mas que em suma modificam o estado senciente essencial, gerando prontidão para mudanças.

Assim, talvez tenha sido a aurora dos tempos, à medida que o ser humano desenvolvia nova aptidão de desrealizar o mundo ao seu redor, viver intimamente o mundo em ficção e lançar luz para esse mundo por meio de inventos concretos. Ficção esta que poderiam e podem ser criadas quase que infinitamente por nós mesmos, onde o drama humano pode ser reencenado quantas vezes quisermos sob novas condições à luz de novas possibilidades mais condizentes às necessidades livremente criadas por um espírito atuante, mais que como drama em imaginação vai tecendo junto a isso um miríade de novas realizações, impossíveis mesmo de serem antecipadas todas, que vão do conforto almejado junto ao outro e o reconhecimento deste mesmo outro, a dissolução de intrigas, maneiras de se ter afeto - tudo oriundo de uma sede infindável por imaginar e realizar na concretude do real.

Assim, o drama humano vivido em ficção, em distância, segundo a terminologia de Zubiri, é o cerne mesmo gerador das possibilidades, da inventividade, da poesia e das realizações que transcendem o hoje.

Algumas dessas imagens se nos ocorrem de forma espontânea. Outras dirigidas conscientemente ou melhor dizendo sencientemente. Outras vem nos acudir na urgência do momento em que temos que dar uma resposta para o mais atual dos problemas, outras criadas pelo mero prazer de desfrutar. Outras são irrealizáveis, mas vem confortar nossos espíritos, abrindo-nos a possibilidade do livre poetizar. Outras são insondáveis e nos conduzem a

meandros filosóficos e artísticos bastante excêntricos, mas necessários para termos novas luzes sobre a condição humana.

Nas bases sencientes do saber inteligência, contemplação, espanto e poesia não se dissociam. Atuam e atualizam-se juntas para se renovarem.

Como diz Aristóteles na Poética: “Em suma, devemos atribuir a presença do impossível à própria poesia, ou ao melhor para a situação, ou à opinião corrente”. (ARISTÓTELES, 2003)

É a essência mesma do “*What could be*”, o “poderia” que vai deixando de lado o peso dos perceptos ordinários e, no seu lugar, dando espaço para novas possibilidades e nova vida que emergem em nossa mente à medida que passamos a desejar diferentemente as coisas que o mundo contém - princípio mesmo da inventividade, como que se vivêssemos sempre um eterno retorno Nietzscheano de positividade, buscando a reafirmação da vida.



Fig. 6 - Exemplo de Ferramenta de mão biface lanceado



Fig. 7 - Exemplo de Ferramenta de mão biface período Micoquense

As distorções que as ferramentas gradualmente iam ganhando nos mostram que a fantasia ou o fantasiar em fictos (recriações livres das formas) iam gradualmente ganhando o campo do imaginário e reconformando as ferramentas sem uma finalidade definida, como se o autor a estivessem trabalhando pelo simples exercício da fruição de um novo poder sem utilidade imediatamente aprendida ou mesmo justificada, o que nos faz mesmo pensar que o impulso artístico talvez tenha se dado antes mesmo de nossa capacidade de abstrair e conceituar as coisas. Era um exercício sem utilidade específica, mas que parecia esgotar-se em si mesmo, um deixar vir e um deixar ir, um movimento que se perfaz sem alcançar seu fim, mas que em si mesmo gera deslocamento de finalidade, fruição, um próprio transcender dos fundamentos relacionados às possibilidades, mas que deveria instigar ao mesmo tempo que comprazer o autor.

Assim vão se dando a evolução dos chamados bifaces, ferramentas com variações muitas na forma de ser confeccionadas e variações de simetria, mas que intuímos parecer buscar algum tipo de perfeição em si mesma, algum tipo de revelação sobre até onde poderiam se desenvolver as capacidades do artesão.

Com o tempo vão se tornando esteticamente atraentes e exigindo cada vez mais maestria e refinamento de habilidades. Em determinado momento são utilizados percutos duros para se chegar a uma forma bruta pretendida e percutos moles para se chegar no esmero das arestas denticuladas ou festoadas que era então obtido com chifres. Essas ferramentas são associadas às últimas fases do *Acheulense* como os chamados Micoquense e Musteriense.

Zubiri nos fala que a desrealização das coisas reais funciona como princípio de inteligibilidade em distância, num irreal que ele chama de “seria”, uma inteligibilidade em distância sobre algo que se dá em realidade.

Entendemos que a inteligibilidade em sua dimensão atuante criativa também envolverá outros momentos, que podem ser apreendidos pelo livre desenvolvimento das ferramentas do meio para o final do período *Acheulense*.

Esse incluiu o já acima mencionado “poderia”, com as variações das ferramentas visando a adequação para outros fins gerando como que novas versões da mesma aplicadas a diferentes contextos.

Mas além disso é possível identificar a emergência artística que não mais busca a finalidade anterior e parece como que definir um novo campo de realidade cuja finalidade vai aparecendo com o aperfeiçoamento das formas do próprio artefato. Vemos o surgimento do *status nascendi* da criação artística, indefinida que parte de um novo fruir e que dissolve “formas” já conhecidas em formas novas, esteticamente atraentes, sem finalidade objetiva destacável, e que nos parece revelar o valor do movimento espontâneo artístico em si mesmo como uma espécie de antessala para a descoberta. Esse movimento só poderia ser feito pela deliberação atuante de um ficto, uma capacidade de deliberadamente fantasiar o mundo de forma muito diversa, transubstanciando significativamente objetos da realidade, inclusive àqueles que para o homem da aurora dos tempos julgava ser o mais significativo entre todos os artefatos.

Além do princípio de inventividade de atuação que ia dando graus maior de inteligência em distância do real, fundamento mesmo de uma criatividade senciente, nossa espécie em algum momento dessa marcha se dá conta de que é capaz de facultar sobre os artefatos, uma vez que uma ferramenta de utilidade gradualmente vai ganhando a faculdade de objeto identitário, objeto de estima ou arte. Algo que num primeiro momento tinha um significado para ele pela sua própria inventividade decorrente de uma inteligir em distância, do que estamos chamando de atuação de um imaginário senciente ganha outro significado e perde mesmo as características primeiras.

5 O enigma da ferramenta de mão

Talvez essa hipótese viesse a explicar o chamado Enigma da Ferramenta de Mão (*The Handaxe Enigma*), que desafia especialistas que estudam os sítios arqueológicos e não possuem uma explicação satisfatória para o fato de que quantidades muito grandes de artefatos terem sido encontrados sem nenhuma utilização prática e que no final desse período o homem primevo se especializou em desenvolver, sem qualquer utilidade prática, sem que contivesse nenhuma característica de corte.

Além disso, essas ferramentas passaram a ter em seu progresso uma insistente configuração de formas etéreas, formas universais, tais como a elipse perfeita e o círculo, nos dando indícios de que no final do período *Acheulense*, na fase tardia do *Homo Erectus*, esse já conseguia pensar em termos abstratos e conceituais, que são as formas puras mesmas que essas formas eternas se afiguram.



Fig. 8 - Exemplo de Ferramenta de mão biface em forma de elipse do período tardio
Acheulense



Fig. 9 - Exemplo de Ferramenta de mão biface em forma ovóide do período tardio *Acheulense*

Nesse ponto teríamos mais dois princípios de inteligibilidade senciente, o abstrairia e o conceituaria que poderiam ser discutidos como necessários para a realização dos artefatos nos períodos tardios da cultura *Acheulense*.

Assim, acreditamos que boa parte dos cientistas ainda buscam explicações lastreadas na teoria evolutiva, mas como vimos os artefatos indicam outra trajetória e o chamado Enigma do Machado de Mão têm indicado isso.

As discussões sobre esse enigma têm ficado circunscrita sobre o significado dos Machados de Mão sem utilidade prática, e não na marcha que levou ao desenvolvimento de

uma emancipação inventiva do ser humano até o refinamento da mesma a ponto de uma espécie de transcendência de sua utilidade inicial, passando a ser uma outra coisa nas mãos dos artesãos do paleolítico. O que estamos trazendo é que a discussão deva se centrar em como se deu essa marcha de desenvolvimento de um próprio imaginário atuante, e como isso nos tornou únicos em relação a outras espécies.

Assim passaríamos a entender a marcha do desenvolvimento de nossa espécie não como uma questão única e exclusivamente de sobrevivência, mas de emergência do domínio inventivo.

Assim, como uma proposta mais abrangente estabeleceríamos como princípios de uma inteligência em distância ou de um imaginário senciente além do o seria e o poderia, o fantasiaria, facultaria, abstrairia, conceituaria e poetizaria - este último estando para além do espaço desse ensaio para uma tentativa de elucidar a sua gênese.

Esses princípios de atuação de um imaginário senciente, que dinamizam a invenção e explicam a dinâmica inventiva pelo trânsito continuado entre esses princípios e por assim dizer a mobilização do campo do real, são explicações mais satisfatórias que o apego do que chamaríamos de uma inteligência voltada à sobrevivência e manutenção da espécie, pois esta não têm como explicar a nossa própria capacidade de transcender e vivermos pela abertura que os inventos criados e confeccionados por nós mesmos trazem para nossas vidas.

Mas dentro de uma perspectiva dinâmica existiria a já mencionada atuação senciente, que pode carregar certo grau de originação pelo indivíduo que cria segundo uma impelência própria, estabelecendo uma sua dinâmica no mundo ao levar traços de sua presença realizadora que podemos depreender justamente pelo ímpeto ou resposta original, como um movimento de contra fluxo àquele de impelência - um transcender dos limites estabelecidos anteriormente junto à todas as condicionantes, que se assim não fosse, poderiam ser consideradas como ponto final definidor e conformador de nossa natureza à luz de nossas vicissitudes. Mas se assim fosse não haveria invenção, originação e modificação do *status quo*.

Assim, advogamos que em certo sentido o ser humano também conforma a realidade a uma sua própria busca dentro de limites concretos do real, dentro de relativa autonomia, mas fundando mesmo uma nova dinâmica que leva a uma ação inventiva original - original, pois que se inicia em contrafluxo pelo indivíduo que atua.

Se confirmarmos essa tese, poderíamos mesmo tentar estabelecer que parte do nosso impulso que leva a ação inventiva advém do que poderíamos chamar de necessidade de atuação, nos revelando que uma ausência de traços de inventividade ante o real é no fundo uma contrição

da atuação, um não saber ou não poder jogar o jogo da criação (*role creating*), um “não estar” na realidade dramática em atuação criativa, que poderíamos mesmo chamar de um não se colocar no campo - seja esse colocar atuado por uma ação lúdica, fabril, poética, artística, afetiva ou imaginativa. A diferença da mente que se ocupa em inteligir em atualização aos desdobramentos do mundo em realidade para este nosso caso apresentado, é que aqui o indivíduo se ausenta de trazer o seu poderia (*What could be*) que levaria a uma modificação do status do próprio campo vivido, colocando-o por assim dizer em novo movimento (*hacia*).

A inteligência desrealiza o mundo, dinamiza-o em ficção e recria-o em atuação inventiva.

Referências:

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

LONERGAN, B. *Insight – Um Estudo do Conhecimento Humano*. 1ª ed. São Paulo: Ed. É Realizações, 2010.

FERNANDES, M. *Fator Leonardo. Ação criativa mais primordial*. 1ª ed. Curitiba: Ed. Ideário, 2019.

FUENTES, A. The Evolution of Human Imagination. In: ABRAHAM, A. *The Cambridge Handbook of the Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

MORENO, J. *Psicodrama*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

ZUBIRI, X. *Inteligência e Realidade*. 1ª ed. São Paulo: Ed. É Realizações, 2011.

_____. *Inteligência e Logos*. 1ª ed. São Paulo: Ed. É Realizações, 2011.